

Associação Nacional de História – ANPUH

XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“Urbanita brasiliense”: “habitante do patrimônio” ou simplesmente morador?

Maria Thereza Negrão de Mello*

Resumo

O cenário é a cidade Brasília e o objetivo é o de enfocá-la a partir das representações de duas gerações distintas (idosos e jovens). Conclui-se que, entre os primeiros, memória e pertença se articulam e habitar Brasília inclui o reconhecimento da cidade-patrimônio. Já entre os jovens, os traços de uma identidade em construção privilegiam o presente e viver em Brasília aflora como experiência cotidiana que os descola da condição de habitantes da cidade monumental, pois os elos de identificação são outros.

Palavras-chave: Brasília, representações, identidades.

Abstract

The scenery is the city of Brasília. The objective is to focus it by the representations of two distinct generations (elder and juvenile). One concludes that, between the foremost, memory and belonging are articulated. To inhabit Brasília includes the recognition of the patrimonial city. Otherwise, among the younger, the traces of an identity under construction favor the present. To live in Brasília outcrops as a day-to-day experience setting them apart from the condition of inhabitants of the monumental city. The younger's ways of identification are others.

Key words: Brasília, representations, identities

A presente Comunicação resulta, na verdade, do entrecruzamento dos resultados de duas pesquisas realizadas sob minha orientação no ano de 2006, cujas tematizações dialogam e se complementam, seja por terem o mesmo plano de observação – a cidade de Brasília – seja por buscarem o referencial teórico na estante proposta pela linha de pesquisa à qual me filio: Identidades, Tradições, Processos¹.

No *corpus* documental, entretanto, as investigações, como se verá, ganham contornos específicos, muito embora sintonizadas com a perspectiva geracional que pautou a construção dos objetos, ambos norteados por uma instigante questão da qual afloram

* Docente e pesquisadora do quadro efetivo do Departamento de História da UnB e do PPGHIS/UnB na área de concentração História Cultural – Linha de Pesquisa: Identidades, Tradições, Processos.

¹ As duas pesquisas mencionadas foram realizadas respectivamente como trabalho final do curso de graduação em História e monografia final do curso de especialização: História Cultural: Identidades, Tradições, Fronteiras, oferecido pelo PPGHIS (Programa de Pós-Graduação em História) da UnB. As referências completas sobre os autores aparecem ao final do presente texto.

ressonâncias benjaminianas, tão bem refletidas por Rouanet e Brissac (1992): “É a cidade que habita os homens, ou são eles que moram nela?”.

A partir desta questão mais ampla, título, aliás, do artigo acima citado, interessou à pesquisa auscultar gerações, tendo como narradores “urbanitas brasilienses” de diferentes faixas etárias. Assim, (Rosendo, 2006: 33-42) selecionou para pesquisa um grupo de jovens estudantes da Universidade de Brasília, identificados como Grupo I e como contraponto, dois outros grupos, tais sejam, o Grupo II constituído de habitantes da cidade na faixa dos 40 a 50 anos e, finalmente, o Grupo III que agregou antigos moradores, os chamados pioneiros.

A pesquisa de (Vasconcelos, 2006: 22-27) teve como base empírica principal os depoimentos de jovens estudantes do Ensino Médio de duas escolas de Samambaia, cidade satélite de Brasília. Em outra vertente, a pesquisa, assim como o fez Rosendo, deu lugar à fala dos velhos narradores.

Nos dois trabalhos, apenas em relação aos jovens foi utilizada a técnica de aplicação de questionários que integram questões abertas e fechadas. Nos demais grupos, as duas pesquisas se instrumentaram nas condutas preconizadas pela História Oral, objetivando “visitar memórias de experiências”, para ficarmos com (Montenegro, 1992/93: 64).

Entendendo que as imagens são suportes e *locus* privilegiados do representacional, as duas investigações aqui divulgadas, incluíram também um *corpus* iconográfico que, apartando-se da mera ilustração, logrou estabelecer o diálogo com o texto escrito, ainda que a inclusão em cada uma das pesquisas tenha atendido a critérios distintos de seleção e objetivos segundo a estruturação dos trabalhos.

Assim, na monografia de Rosendo, as imagens dos monumentos brasilienses, disponibilizadas em sítios eletrônicos, povoam o capítulo de abertura no qual a autora, após breve incursão histórica, aborda a noção de patrimônio de modo a conduzir o leitor à verticalizações que alcançam a descrição minuciosa do processo e dossiê final que embasaram a decisão do comitê da UNESCO, que no ano de 1990, referenda o tombamento federal de Brasília em escalas urbanísticas: “monumental, residencial, bucólica e gregária”².

² Na verdade, tratou-se de um longo processo que envolveu grupos de trabalho que contaram com a participação inicial da Universidade de Brasília, do Governo do Distrito Federal e da Fundação Nacional Pró-Memória. Já no ano de 1986, os trabalhos resultantes fundamentaram a candidatura de Brasília na lista da UNESCO e, no ano seguinte, um parecer daquele organismo internacional aprovou a inscrição de Brasília como patrimônio mundial. O tombamento local ocorreu em 1987, e o tombamento federal ocorreu no ano de 1990. Conf. (Ribeiro, 2005: 100-104).

O *corpus* iconográfico organizado por Vasconcelos, inclui uma coleção de cartões postais de monumentos arquitetônicos de Brasília, imagens obtidas nos arquivos da NOVACAP e também em sítios eletrônicos. Nesta pesquisa, por ocasião da aplicação dos questionários, os estudantes foram convidados não apenas a identificar as imagens exibidas mas, além disso, comentá-las, ainda que brevemente, como item fundamental dos questionários³.

Tomando como interlocutores estudiosos como Choay (2001) e Rodrigues (1998), os estudos em tela aludem às complexas noções de patrimônio, patrimônio histórico, monumento e seus nexos com as não menos complexas configurações identitárias e nestas, os trabalhos da memória.

Conforme lembra Rodrigues (1998:89) em seu diálogo com Chastel: “O monumento histórico é um artefato cultural escolhido para representar o passado e, desta forma, difere do monumento artefato construído com a intenção de celebrar e perpetuar o presente.”

No caso de Brasília, a cidade monumental e sua arquitetura ensinou e, por certo, ensinará ainda, não poucos estudos nos quais a cidade se inscreve como variável interveniente. Na esteira deste raciocínio, a tese de Mello (1988) sinaliza desde o título peculiaridades da capital da república e a maneira pela qual a cidade monumento delineia o cotidiano do seu urbanita: “O espetáculo dos moradores do símbolo: a mobilização por diretas-já da perspectiva de Brasília”. A autora lembra documento veiculado pela Seplan/GDF, no qual os consultores afirmam: “Brasília seria um marco nacional permanente, algo assemelhável nestes termos, ao Hino ou à Bandeira (...) esta seria sua principal função: representaria o país para si mesmo, em troca, seria sustentada por ele.” (Mello, 1988: 44). Ora, ainda que pela via da ironia como equipamento retórico, se a cidade é “um símbolo”, seus moradores seriam “habitantes do símbolo”.

“Habitantes do símbolo”, “habitantes do patrimônio”, “habitantes do monumento” ou, simplesmente moradores? Como se percebe, as duas pesquisas aqui delineadas transitam por estas questões, desta feita, no viés do geracional. As conclusões a que chegam são

³ O espaço reservado para esta comunicação resultaria onerado com a inclusão das imagens trabalhadas nas pesquisas. Em ambas, elas aparecem no corpo dos trabalhos, sendo que na pesquisa de Vasconcelos há também um Anexo reservado às cópias dos questionários aplicados, com as respostas originais manuscritas encimadas com as imagens propostas.

convergentes, no sentido de que evidenciam, a partir da contrastação entre representações de jovens e idosos, percepções distintas destes “urbanitas do cerrado”⁴, sem que isto leve a sugerir, no caso dos jovens, uma leitura apressada sobre a ausência de vínculos em relação ao lugar que habitam.

Sem que haja espaço para maiores desdobramentos e análises, é preciso, ao menos, enfatizar que as pesquisas indicaram referências identitárias distintas entre os grupos estudados. Ao eleger a condição de cidade-monumento/cidade-patrimônio da humanidade ou cidade-símbolo como um dos eixos da investigação, a intenção foi a de sondar um certo presentismo da juventude, espécie de “carpe diem” que atravessa as representações privilegiadoras de um “jeito brasileiro de viver”. Afinal, ainda que não possa ser negligenciada a profunda diferença entre o que significa viver no Plano Piloto e viver em Samambaia, esse “jeito brasileiro de viver”, seja aspirado ou efetivado, parece ter importante papel como vetor identitário entre os jovens. Observou-se, entre os que conhecem os monumentos “só por fora”, ou os que não os identificam prontamente ou, no limite, sequer os reconhecem ou ainda, os que estão a par do título que a cidade ostenta – patrimônio da humanidade – e nem por isso parecem interpelados, que este aspecto não cumpre o papel de “fazer o elo” (Maffesoli, 2004).

Já entre os outros grupos estudados, acentuadamente entre os idosos pioneiros, as narrativas atravessadas de emoção, parecem celebrar a cidade monumental. Em suma, se percebem como guardiões do patrimônio, levando a convir que neste grupo “os monumentos falam ou cantam – o homem habita como um poeta” (Maffesoli, 2004: 65). Neste caso, a experiência vivida entrecruzou temporalidades, re-teceu memórias, fortaleceu laços com o lugar e desvelou-se como um vetor constitutivo da identidade.

Enfim, “habitante do patrimônio”, caso dos idosos, ou “simplesmente morador”, caso dos jovens, o “urbanita brasileiro” parece experimentar, cada qual a seu modo, a sempre movente saga identitária, da qual afloram representações que entre o vaivém do “vivido e concebido” (Lefebvre, 1968) elaboram e re-elaboram uma identidade que se constrói na “cidade nova”. Neste aspecto, é plausível pensar que por vias diversas “habitam a cidade e são habitados por ela” no entrecruzamento entre o real, o simbólico e o imaginário, registros que conformam as representações.

⁴ Ao privilegiar a cidade de Brasília como plano de observação, o recorte das entrevistas com jovens de uma cidade satélite foi intencional. Partiu-se do pressuposto que as relações vicinais com a capital da república os inscreve como brasileiros, que é como se identificam.

Ao finalizar esta comunicação, cabe lembrar seu propósito fundamental, ou seja, dar visibilidade a duas iniciativas que integram o meu fazer voltado para a História Cultural como espaço de trabalho, no qual tenho registrado como projeto individual a vertente *Cotidiano, Representações, Cidade*. No conjunto das tantas orientações concluídas ou em andamento, ao longo de mais de uma década, intencionalmente optei por dar espaço às pesquisas aqui relatadas, menos por serem as mais recentes, mas, sobretudo, pelo fato de tratar-se de trabalhos desenvolvidos no âmbito da Graduação e da Especialização. Com esta escolha, a intenção foi a de sublinhar uma tônica, também adotada por outros colegas da mesma Área de Concentração e Linha de Pesquisa no sentido de ampliar o escopo da nossa lida com a História Cultural como campo historiográfico.⁵ Na mesma perspectiva, desenvolvo atualmente a coordenação de um livro comemorativo dos 50 anos da NOVACAP (Companhia Urbanizadora da Nova Capital do Brasil), em convênio com a UnB. As pesquisas aqui relatadas articulam-se, de algum modo, a esta tarefa. Por esta via foi possível mediar escolhas e acesso à documentação e, sobretudo, contar com os “antigos narradores”⁶, no próprio espaço da NOVACAP.

Evidentemente, tratou-se de uma pesquisa de caráter exploratório cuja pretensão foi a de sondar tendências e representações, cabendo ao *corpus* documental a sustentação de um trabalho preocupado com o qualitativo. Assim, os resultados abrem-se para outras tantas questões, levando-nos a concordar com Machado (apud. Mello, 1988: 83): “O discurso sobre Brasília faz estranhas perguntas”.

Referência Bibliográfica:

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Unesp Editora, 2001.

⁵ Com o mesmo intuito, coordenei os trabalhos de uma equipe constituída de pesquisadores e estudantes da Universidade de Brasília e Universidade Católica de Brasília, com o patrocínio da PETROBRAS. Naquela oportunidade, lançamos um olhar sobre o patrimônio imaterial da RIDE (Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno), no recorte de cinco cidades. Conf. (Mello, 2006).

⁶ Em ambas as pesquisas, os narradores são também narradores do livro em andamento, com exceção da Prof^a Maria dos Anjos, entrevistada por Vasconcelos.

LEFEBVRE, Henri. **La vie quotidienne dans le monde moderne**. Paris: Gallimard, 1968.

MAFFESOLI, Michel. **Notas sobre a pós-modernidade: o lugar faz o elo**. Rio de Janeiro: Atlântica, 2004.

MELLO, Maria Thereza Negrão de. **O espetáculo dos moradores do símbolo: a mobilização por diretas-já da perspectiva de Brasília**. São Paulo, Tese de Doutorado, ECA/USP, 1988.

_____. (Coord.) **Entorno que transborda: patrimônio imaterial da RIDE**. Brasília: Petrobras, 2006.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História Oral, caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História – Memória, História e Historiografia**. São Paulo, ANPUH/Marco Zero, Vol. 13, Nº 25/26, setembro 92/agosto 93.

RIBEIRO, Sandra Bernardes. **Brasília: memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural**. São Paulo: Anna Blume Editora, 2005.

RODRIGUES, Marly. Patrimônio, idéia que nem sempre é prática. In: **A construção da cidade**. Brasília, Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do Distrito Federal, 1998.

ROSENDO, Vanessa Melo. **Habitar o símbolo, habitar o patrimônio ou simplesmente morar: Brasília e representações da vida urbana – tempo presente**. Brasília, Departamento de História/UnB, Monografia de Graduação, 2006.

ROUANET, Paulo Sérgio e Brissac, Nelson. É a cidade que habita os homens ou são os homens que moram nela? **Revista USP, Dossiê Walter Benjamin**, São Paulo: EDUSP, nº 15. Set/out/nov/92.

VASCONCELOS, André Luiz Furtado. **Brasília: patrimônio da humanidade e símbolo da identidade nacional: entre as representações de jovens narradores e as vozes da experiência (tempo presente)**. Brasília, Monografia final do Curso de Especialização: História Cultural: Identidades, Tradições, Fronteiras, PPGHIS/UnB, 2006.